

## **MISTIÇAGEM E EUGENIA: as convicções de Edgard Roquette-Pinto e Octavio Domingues.**

Aguiar Azambuja Pereira (IC) e Waldir Stefano (Orientador).

Apoio: PIVIC Mackenzie.

**Resumo:** O movimento eugenista brasileiro foi conhecido por atuar principalmente, nas primeiras décadas do século XX. Parte dos responsáveis pelo que atualmente se conhece como Racismo Científico, os eugenistas brasileiros se utilizavam de preceitos baseados no determinismo biológico e positivismo científico para explicarem as questões que envolviam o Brasil, acreditavam que problemas nas áreas de saúde pública, desigualdade social, e até mesmo o desenvolvimento do país estariam relacionadas com as origens biológicas de seu povo. Dentre os participantes do movimento eugenista brasileiro destacamos dois autores que tinham ideais semelhantes a respeito da “miscigenação racial”, no entanto, se afastavam de certas interpretações e conclusões do movimento eugenista. Este trabalho tem como objetivo compreender as noções de eugenia e mestiçagem de Edgard Roquette-Pinto e Octávio Domingues, dois importantes membros do movimento eugenista brasileiro. Buscando compará-los entre si e com o movimento eugenista de uma maneira geral. Levantando as ideias entre Octavio Domingues e Edgard Roquette-Pinto a respeito da eugenia, reparamos que ambos utilizavam a genética mendeliana para explicar o fenômeno da hereditariedade e justificar a sua aplicação em prol da eugenia, diferentemente de vários eugenistas brasileiros neolamarckistas. Ambos os autores não partilhavam do ideal de “degeneração biológica” dos mestiços, sendo favoráveis a mestiçagem. Outrossim, ambos viam a educação como algo positivo, atuado diretamente neste campo. Destaca-se que Domingues e Roquette-Pinto tiveram importante participação intelectual fora do movimento eugenista brasileiro, no entanto, em áreas distintas.

**Palavras chaves:** Eugenia. Edgar Roquette-Pinto. Octavio Domingues.

**Abstract:** The Brazilian eugenics movement was known for acting mainly in the first decades of the 20th century. Part of those responsible for what is currently known as Scientific Racism, Brazilian eugenicists used precepts based on biological determinism and scientific positivism to explain the issues surrounding Brazil, they

believed that problems in the areas of public health, social inequality, and even the country's development would be related to the biological origins of its people. Among the participants of the Brazilian eugenics movement, we highlight two authors who had similar ideals regarding "racial miscegenation", however, they distanced themselves from certain interpretations and conclusions of the eugenics movement. This work aims to understand the notions of eugenics and mestizaje of Edgard Roquette-Pinto and Octávio Domingues, two important members of the Brazilian eugenics movement. Seeking to compare them with each other and with the eugenic movement in general. Raising the ideas between Octavio Domingues and Edgard Roquette-Pinto regarding eugenics, we noticed that both used Mendelian genetics to explain the phenomenon of heredity and justify its application in favor of eugenics, unlike several neo-Lamarckian Brazilian eugenicists. Both authors did not share the ideal of "biological degeneration" of the mestizos, being in favor of mestizaje. Also, both saw education as something positive, acting directly in this field. It is noteworthy that Domingues and Roquette-Pinto had important intellectual participation outside the Brazilian eugenic movement, however, in different areas.

**Keywords:** Eugenics. Edgar Roquette-Pinto. Octavio Domingues.

## 1. Introdução

Eugenia foi o termo utilizado em 1883, por Francis Galton, para designar uma “ciência” do melhoramento humano. No entanto, esta ideia de melhoramento humana já estava presente em trabalhos em obras suas anteriores a esta data, como por exemplo em *Hereditary Genius* (1869) onde ele buscava compreender relações entre herança genética e qualidades/defeitos humanos.

A eugenia, ao final do século XIX e início do século XX, pautou muitos debates do meio científico, e era vista como sinal de modernidade. Uma das teorias responsável pelo Racismo Científico, a eugenia prometia solucionar questões referentes ao suposto aperfeiçoamento humano e racial. Em muitos países a eugenia esteve presente, no Brasil se desenvolve principalmente nas primeiras décadas do século XX, com o pretexto de combater o atraso da civilização brasileira que, segundo inúmeros participantes do movimento, estariam relacionados a miscigenação racial (SOUZA, 2016).

Por fazer parte do meio científico da época, os integrantes estavam presentes em diversas atividades intelectuais e acadêmicas. Participavam de discussões políticas, organizavam congressos, agremiações, lecionavam e faziam parte de centros de estudos e pesquisa importantes, como o Museu Nacional por exemplo. O movimento eugenista brasileiro foi marcado por ideais que se baseavam em um determinismo biológico<sup>1</sup>.

Apesar aparecer nos meios acadêmicos brasileiros no final do século XIX, o movimento eugenista ganha uma maior força institucional no início do século XX, quando o país enfrentava problemas sociais relacionados a saúde pública, urbanismo e desenvolvimento social. Assim, o movimento eugenista colocava a eugenia como uma resposta para estas diversas questões (SCHWARCZ, 1993).

Funda-se a Sociedade Eugênica de São Paulo, em janeiro de 1918, com sócios importantes dentro do movimento eugenista, um deles Renato Kehl (1889-1978), responsável pela criação e editoração do principal veículo de comunicação eugenista nacional, o Boletim de Eugenia, um período que foi publicado de 1929 até 1933 com a intenção de divulgar os ideais de eugenia e trazer uma aparência mais científica para o movimento. Stepan, (2005), ressalta que a institucionalização da eugenia neste momento surge, também, como uma resposta a questões de classe, diretamente ligadas a Greve Geral de 1917, onde o movimento eugenista traria propostas para solucionar

---

<sup>1</sup> O determinismo biológico constitui a ideia de sermos totalmente determinados pela natureza humano biológica, e que nossas diferenças, e as diferenças entre humanidades, se resumem a ela (TEIXEIRA; SILVA, 2017).

tais questões. Portanto, pode-se dizer que o movimento eugenista se desenvolve no Brasil após a Primeira Guerra Mundial (WEGNER, 2017).

Outro grande momento do movimento eugenista foi durante o governo de Getúlio Vargas. Cria-se a Comissão Brasileira de Eugenia com o propósito de levar a questão da eugenia à Assembleia Constituinte. Com estes cenários, foram discutidas inúmeras possíveis propostas eugênicas que poderiam ser adotadas no país, em diversas esferas (sociais, educacionais, políticas). Exemplo disto foram debates realizados para elaborar ou não, restrições imigratórias dentro do viés eugênico. Ou seja, se qualquer raça e/ou indivíduo poderia ser aceito durante o processo de imigração do país (CARVALHO, 2017; EL-DINE, 2016; SOUZA, 2016).

Entre os eugenistas brasileiros, Renato Ferraz Kehl foi um importante ideólogo e divulgador do movimento eugenista se utilizando de uma interpretação “lamarckista” para explicar fenômenos hereditários. O movimento eugenista brasileiro teve muita influência da noção “Lamarckista” e “Neolamarckista” e forte presença de uma religiosidade (FIUZA, 2016; STEPAN, 2005). É interessante notar que ao contrário de Kehl, os dois autores estudados neste presente artigo, Octávio Domingues (1897-1972) e Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) eram expressamente contrários as noções lamarckistas de herança biológica, ambos se utilizavam das teorias genéticas mendelianas para a compreensão da hereditariedade de fatores genéticos, ou seja, ambos não acreditavam que características adquiridas em vidas seriam passadas para gerações futuras.

Este trabalho tem a intenção de compreender as noções de eugenia e mestiçagem de Edgard Roquette-Pinto e Octávio Domingues, dois importantes membros do movimento eugenista brasileiro. Buscando compará-los entre si e com o movimento eugenista de uma maneira geral.

## **2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO**

Edgard Roquette-Pinto nasceu no Rio de Janeiro em 1884, seu falecimento foi em 1954, na mesma cidade. Filho de Josefina Roquette Carneiro de Mendonça e Manuel Menelio Pinto. Foi diretor do Museu Nacional e importante intelectual brasileiro na área da medicina antropológica. Como mostra Souza, (2017), teve fortes ligações internacionais, uma delas com Frans Boas, onde compartilhavam conhecimentos e informações sobre pesquisas e até mesmo prestava assistência a alunos de Boas que viriam ao Brasil estudar sobre etnografia.

Roquette-Pinto teve destaque, também, em seus trabalhos sobre radiocomunicação e educação, se firmando um cientista positivista e engajado com as

possibilidades de mudanças sociais por meio do saber científico e seu compartilhamento. Foi um dos antropólogos mais prestigiosos do Brasil, sendo reconhecido em diversas áreas (RANGEL, 2010).

Embora membro do movimento eugenista brasileiro, Roquette-Pinto se posicionava contrário as teorias de uma suposta degeneração biológica do povo brasileiro. Tais ideias eram fortemente ligadas ao movimento, onde defendiam o fim da mestiçagem assim como a noção de que indígenas, negros e amarelos teriam condições biológicas e evolutivas inferiores aos brancos (SOUZA, 2016). Roquette-Pinto, embora tivesse uma noção majoritariamente biológica do humano e seus comportamentos, afirmava não existir tal “degeneração”, e que os diversos problemas que alegavam estar relacionados as raças do povo brasileiro eram, na verdade, pertinentes as estruturas sociais e históricas do país. Com isso, o autor foi um ferrenho opositor a noção de degeneração biológica, podendo dedicar-se aos seus estudos etnográficos livres de tais premissas.

Durante o primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929, que Roquette-Pinto divulgou seu trabalho “typos anthropologicos do Brasil”, defendendo a normalidade biológica do povo brasileiro, contrariando os ideais eugenistas de superioridade branca.

Neste trabalho, como afirma o autor, estudou por duas décadas as condições e características biológicas de três grupos raciais brasileiros: os brancos, negros e indígenas (ROQUETTE-PINTO, 1929). Afirmava, que o problema em relação ao Brasil, estaria ligado a constituição da história do desenvolvimento do país, e não na raça<sup>2</sup>:

O ambiente não é favoravel. Logo, não é da raça a deficiência, uma vez que já se apontou o que ella vale. Falta de braços significa máu aproveitamento dos braços existentes. A politica de povoamento do Brasil, desde o inicio, foi sempre baseada em maus expedientes: a) trucidou o índio. b) Importou negros escravos – o que foi uma necessidade – mas os deixou absolutamente embrutecidos. Não deu um passo para eleva-los e prepara-los para a liberdade. c) Mandou buscar, a peso de ouro, gente branca, sem escolha, nem fiscalização, etregando-lhe desde logo um capital aprecciavel; terra, casa, ferramentas,

---

<sup>2</sup> A despeito de Roquette-Pinto apresentar suas ideias sobre as raças brasileiras defendendo que não se tratava de um povo inferior, Edgard Roquette-Pinto se referia ao processo de escravização do negro como algo “necessário”, ao se referir sobre a política de povoamento do Brasil, ele diz: “Importou negros escravos – o que foi uma necessidade – mas os deixou absolutamente embrutecidos. Não deu um passo para eleva-los e preparal-os para a liberdade” (ROQUETTE-PINTO, 1929, p. 123).

assistência... d) Abandonou a triste sorte da sua indigencia os melhores elementos nacionais (ROQUETTE-PINTO, p. 123, 1929).

Roquette-Pinto declarou que nenhum dos tipos brasileiros apresentava sinal desta suposta degeneração. Seu estudo exibia justamente o contrário, demonstrando boas características nos indivíduos. Com isso, afirmava não concordar que uniões entre raças diferentes, originaria descendentes degenerados (ROQUETTE-PINTO, 1929; KERN, 2017).

Portanto, suas conclusões se opuseram às ideias do Racismo Científico. Ao contrariar a inferioridade biológica dos mestiços, Roquette-Pinto contrariava o movimento eugenista brasileiro e seu principal nome, Renato Kehl (SOUZA, 2016). Por esses e outros motivos, Roquette-Pinto e Kehl não se davam bem. Souza, (2017), encontrou cartas de Kehl para seus familiares ofendendo Roquette-Pinto.

Roquette-Pinto pontuava que os mestiços tinham suas condições sociais precárias, e que por tais aspectos eram vistos como homens debilitados, mas que, no entanto, isto se devia ao meio que estavam, e não a suas condições biológicas (ROQUETTE-PINTO, 1929).

Com isso, Roquette-Pinto era contrário à defesa da “purificação racial” brasileira, considerando anticientífica a noção de raça única no Brasil:

E' preocupação ociosa e anti-scientifica pretender que o Brasil seja um dia habitado por um typo anthropologico. Só os que, erradamente, confundem raça e povo desejam para este paiz aquella utopica unidade (ROQUETTE-PINTO, p. 146, 1929).

Embora Roquette-Pinto entendesse a mestiçagem no país como vantajosa e se posicionasse contrário a teorias que inferiorizassem biologicamente os mestiços, ele acreditava em um “branqueamento populacional”. Importante destacar que, Roquette-Pinto foi o autor de uma tabela, qual projetava todo o processo de branqueamento futuro brasileiro, exposta no Congresso das Raças, em 1911. Adotando tal crença, o autor justificava que, futuramente, o país seria majoritariamente branco (branco com características “mediterrâneas”, como dizia), pois os elementos da raça branca seriam predominantes em detrimento dos demais (SOUZA, 2017).

Para o autor, o Brasil deveria defender seu povo e incentivar a educação, seja ele quem for. “A anthropologia prova que o homem, no Brasil, precisa ser educado e não substituído” (ROQUETTE-PINTO, p. 147, 1929). Está afirmação contrariava a

noção de uma necessidade de substituição do povo brasileiro por imigrantes brancos vindos da Europa, ideia muito presente no círculo eugenista brasileiro.

A ideia de Roquette-Pinto sobre eugenia aparece exposta em um capítulo de seu livro *Seixos Rolados* (1927), em um capítulo chamado “As Leis da Eugenia”. O autor traz uma definição para ela “a sciencia que trata de todas as influências que melhoram as qualidades innatas de uma raça e tambem das que são capazes de desenvolver ao máximo aquellas qualidades” (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 169). Em sequência, afirma não ser possível desenvolver uma “moralidade absoluta” sobre esta ciência, pois não é possível definir, em consenso, algo bom ou ruim. No entanto, afirmava ser “preferível” o forte ao fraco, dando a entender que seria nesta ótica em que a eugenia se estabelecesse (ROQUETTE-PINTO, 1927).

O autor acreditava ser importante diferenciar a eugenia da higienização<sup>3</sup>. Ambos portavam distintos “objetos”. Segundo ele, a eugenia estaria ligada a estudos sobre heranças biológicas, enquanto a higiene sobre os meios:

Muitos, e mesmo alguns médicos mal informados, confundem Eugenia com Hygiene. Quem ler as linhas que ahi ficam, bem poderá avaliar como se afastam da Eugenia os que em seu nome aconselham a pratica de medidas puramente clinicas ou medicas: exame medico pre-nupcial, combate ás endemias, etc. Tudo isso deve ser feito, evidentemente, a bem do paiz e da raça, mas, não é Eugenia (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 204).

Definia a eugenia como a ciência que buscaria estabelecer o ideal máximo de cada “classe humana”. Ou seja, o melhoramento possível para a civilização:

O fim da Eugenia é representar cada classe pelos seus melhores especimens e, isso feito, deixa-los trabalhar livremente pela civilização commun. E’claro que entre as classes ahi mencionadas não se incluem os criminosos e viciados de qualquer natureza. Procura assim, a Eugenia elevar todos os typos que formam o grupo, de modo que as gerações sucessivas recebam, sempre, herança cada vez melhor. As classes uteis contribuirão em proporção crescente para a formação dos vindouros (ROQUETTE-PINTO, 1927, p.169).

---

<sup>3</sup> Houve muitas confusões entre a relação e a diferença da eugenia para a higiene. Alguns integrantes do movimento eugenista brasileiro, devido as suas bases no neolarmckismo, relacionavam a higiene juntamente com a eugenia (SOUZA, 2016).

Nesta obra, Roquette-Pinto realiza uma análise sobre a metodologia que Galton utilizava para elaboração e divulgação da eugenia. Realizando um levantamento sobre as teorias e propagandas que envolviam a eugenia, Roquette-Pinto acreditava ser importante divulgar os estudos das “Leis da Herança”, desenvolvidos por Galton, assim como realizar inquéritos e levantamentos sobre as “classes dos indivíduos”, estabelecer quais seriam as supostas condições “eugênicas”, mostrar nacionalmente a importância da eugenia, e utilizá-la como instrumento para melhoria do país, “como si fora uma religião” (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 171).

Roquette-Pinto, como mencionado anteriormente, utilizava da genética mendeliana para descrever os processos hereditários humanos. Ao contrário de muitos eugenistas latino-americanos, que adotavam o modelo neolamarckista para designar as noções de hereditariedade genética. Além disto, Roquette-Pinto não adotava o método biométrico de Galton.

A teoria biométrica da herança, para Roquette-Pinto, estava relacionada a aplicação de cálculos probabilísticos sobre a determinação de características supostamente hereditárias, “A biométrica mostra a frequência com que se manifestam as boas e as más características (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 183). Para ele, a única explicação cientificamente plausível para a explicação hereditária seria a genética mendeliana:

Modernamente a Eugénia vai se orientando em direcção diferente da biométrica, conforme já foi indicado, o que é natural, visto que a herança é estudada com muito maior segurança e determinismo á luz da genética mendeliana (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 200).

Ele se contrapunha ferrenhamente contra o neolarmckismo afirmando que ninguém poderia transmitir características adquiridas em vida. Ao dizer isso, afirmava que tais características adquiridas em vida estariam presentes no somatoplasma, onde desapareceriam quando o organismo morresse. Somente as características presentes no germinoplasma seriam repassadas hereditariamente. Portanto, acreditava que, embora o organismo se transformasse dependendo do meio em que estivesse, tais características não seriam reproduzidas geneticamente a futuras gerações (ROQUETTE-PINTO, 1927).

Além de contraria-se ao neolamarckismo, Roquette-Pinto criticava o método biométrico e as “Leis de Galton”. As Leis de Galton eram produtos dos estudos biométricos, sendo elas a Lei da Herança Ancestral e a Lei da Herança Filial

(POLIZELO, 2011). A primeira, afirmava que características não necessariamente seriam herdadas de seus pais, podendo ser algo latente de outras gerações. A segunda, fazia referência a uma média entre os progenitores, “Assim, os filhos de pais de estatura mais baixa do que a media, são mais altos que os pais; os filhos de pais mais altos que a media são mais baixos que os progenitores. A herança tende a nivelar a descendência, elevando uns e abaixando outros.” (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 184-186).

Sobre as críticas que Roquette-Pinto fez as chamadas “Leis de Galton”, ele dizia que a Lei da Herança Ancestral não era científica, com isso elaborou uma conta para refutá-la:

“Ella afirma que a contribuição media de cada antepassado, á proporção que se remontam as gerações vai diminuindo de acordo com a serie  $\frac{1}{2} + \frac{1}{4} + \frac{1}{8} + \frac{1}{16}$  [...] Si esta lei fosse real biologicamente, como o é a luz da estatistica... Cada individuo, hoje existente, teria tido no anno de Christo (2)<sup>57</sup> antepassados, sejam... 120 quatrilhoes de avós... O absurdo da conclusão mostra a falência da lei” (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 184-185).

Quanto à Lei da Regressão Filial, Roquette-Pinto dizia que esse princípio funcionava apenas diante de “Linhagens Puras” de uma população (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 186). Para ele a genética mendeliana era mais atualizada cientificamente que as demais, e deveria ser por ela o caminho da compreensão sobre hereditariedade, e, conseqüentemente da eugenia:

Os biólogos modernos denominam monohíbridos aos descendentes de progenitores que differem por um caracter apenas; quando a differença entre elles diz respeito a muitos caracteres os descendentes são polyhíbridos. E’ o caso mais geral. Mas, como a transmissão dos caracteres, conforme vimos, é individual, convem considerar cada determinante separadamente. Recordando o que se disse acima, em relação ao determinante considerado, os indivíduos que se cruzam são homozigotes ou homogaméticos quando possuem cellulas reproductoras dotadas de uma só especie de determinantes para um certo caracter; são heterozigotes ou heterograméticos quando, ao contrario, possuem em seus gametas, para um certo caracter, determinantes de duplas especies. Cada individuo

póde ser homozygote em relação a uns tantos caracteres e heterozygote em relação a outros. Na linguagem symbolica dos mendelianos a letra d representa caracter dominante; r, caracter recessivo. Um typo homozygote dominante será representado dd; um recessivo rr. Representa-se um heterozygote dr. Quando o caracter recessivo se mantem occulto, a notação convencional marca-o parentheses (r) (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 187-189).

Com isso, nota-se que Edgard Roquette-Pinto elaborou uma noção referente a eugenia distinta de Galton e do movimento eugenista brasileiro. Discordando em métodos para sua análise, afirmando a genética mendeliana e contrariando as Leis de Galton, assim como se opondo as teorias neolarmckistas. Ademais, sendo contrário a certas interpretações do movimento eugenista brasileiro, como a de uma suposta degeneração biológica do povo brasileiro, ocasionada pelos negros, indígenas e mestiços, assim como a separação entre higienismo e eugenia, erro muito cometido pelo movimento.

Assim como Roquette-Pinto, Octavio Domingues também se baseava nas noções mendelianas sobre genética. Domingues foi um importante membro do movimento eugenista brasileiro, participou ao lado de Renato Kehl e Sergio Toledo Piza, do grupo editorial do Boletim de Eugenia. No entanto, Domingues também possui sua carreira acadêmica fora do movimento.

Nascido no Acre, Domingues forma-se em agronomia na Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz. Segue sua carreira acadêmica no curso, lecionando Agronomia no Pará e na mesma instituição em que se formou. Além disso, deu aulas na faculdade de Farmácia e Odontologia em Piracicaba, trabalhou no Instituto de Zootecnia do Rio de Janeiro e participou da direção de ensino agrícola no Ministério da Agricultura (STEFANO, 2001).

Sua principal dedicação foi com relação à zootecnia. Publicou obras sobre melhoramento de animais, dentre elas, destaque *Introdução ao Estudo do Melhoramento dos Animais Domésticos* (1928), *Sobre o Factor Hereditariedade no Melhoramento dos Gados* (1929) e *Os Métodos de Reprodução no Melhoramento do Caracu* (1929).

No entanto, seus trabalhos não se limitavam a isso. Com relação a eugenia, Octavio Domingues, para além do já mencionado, elaborou diversos artigos sobre o tema. Por exemplo, *A Hereditariedade em Face da Educação* (1929), *Eugenia: seus propósitos, suas bases, seus meios* (1933) e *Hereditariedade e Eugenia* (1936).

Sua “definição” de eugenia variou com o tempo. Certos momentos, a utilizou como uma ciência para se estabelecer princípios sobre a formação de indivíduos sadios, em outros já a enxergou também como uma ciência preocupada com o aperfeiçoamento das qualidades inatas das raças. Assim como Roquette-Pinto, diferenciando-se de Galton e dos neolarckistas, Domingues fundamentou as bases de sua eugenia em ideais da genética mendeliana. Suas referências eram autores como Herbert Spencer (1868-1947) e William Ernest Castle (1867-1962) (STEFANO, 2001).

Destacando as diferenças entre os ideais de Galton e Domingues, podemos notar semelhanças com Roquette-Pinto. Não se sustentando nas Leis de Galton, Domingues se fundamentava nos pressupostos mendelianos e pós-mendelianos, com influências de William Bateson (1861-1926), ligados a interpretações tanto em trabalhos observáveis quanto microscópicos (DOMINGUES 1930; MARTINS, 2002).

Domingues entendia que atributos físicos, morais e intelectuais seriam hereditários. Assim, acreditava haver a possibilidade de, pela união de indivíduos “sadios”, uma descendência sã. Sobre esta suposta hereditariedade o autor afirma que isto estava garantido, pois o homem “estudioso” haveria verificado tal questão, por meio de experiências e observações sobre a hereditariedade (DOMINGUES, 1942).

Com isso, era necessário incentivar relações entre indivíduos saudáveis. Assim como Galton, Domingues acreditava ser necessário o estímulo do estabelecimento de relações “eugênicas”. Logo, por meio destas uniões saudáveis “proles boas<sup>4</sup>” seriam geradas, aumentando o número dos “tipos normais e a diminuição e o desaparecimento final dos sub normais, dos geneticamente inferiores” (DOMINGUES, 1933, p. 34). Feito estes apontamentos, cabe destacar aqui medidas que Domingues acreditavam ser tomadas para tais fins:

I – a multiplicação de famílias eugenicadas em detrimento das não eugenicadas; II – o aperfeiçoamento constante dos métodos de educação social do homem, afim de que os bons genótipos (das famílias eugenicadas) encontrem um ambiente que oriente e conduza seu desenvolvimento de

---

<sup>4</sup> Este era um termo muito utilizado nas obras de Domingues. Fazia referência a origem de indivíduos saudáveis de corpo e “espírito”, ou seja, com dotes eugênicos.

modo mais eficiente possível [...] (DOMINGUES, 1935, p. 137).

As bases de Domingues na Zootecnia e melhoramento animal fizeram com que ele partisse de interpretações similares para a eugenia. Um exemplo disto é esta passagem em que ele faz referência ao “melhoramento do homem” comparando-o com o de gados:

Isto dito, fácil será ao leitor ajuizar por si, e concluir a respeito do que se deve entender por melhoramento do homem: tem as mesmas bases que o melhoramento dos gados, mas não lhe é idêntico, apenas assemelhavel. Sim. O animal-homem está sujeito às mesmas condições biológicas que os animais domésticos. A aplicação dessas leis deu, e continua dando, os melhores resultados no aperfeiçoamento desses animais. Logo, a relação é simples: ao homem também devemos aplicar tais conhecimentos, se queremos operar, em caminho acertado, o seu melhoramento físico, intelectual e moral (DOMINGUES, 1935, p. 131).

Esta relação realizada entre humanos e animais não era de exclusividade do autor. Além de Domingues, Toledo Piza também estabelecia uma conexão entre os fenômenos hereditários humanos e animais (HABIB, 2010). Podemos notar que esta ligação entre processos de evolução humana e animal, assim como até mesmo vegetal para alguns autores, estavam presentes no movimento eugenista. Ou seja, haveria uma transferência de saberes do “melhoramento animal” para a eugenia.

Sobre a mestiçagem, Domingues não compartilhava do ideal sobre suposta “degeneração biológica” dos mestiços. O autor explicava sobre a mestiçagem baseando-se nas noções de relação entre genótipos. Assim, por meio do cruzamento de distintos genótipos, novos fenótipos, ou “fenótipos intermediários” iam se formando. Por meio de tais análises, Domingues descrevia o processo de formação da melanina na pele, concluindo que tal característica seria de origem genética (DOMINGUES, 1935).

Em suas obras, Domingues afirmava não existir uma raça pura. Embora muitos brasileiros, principalmente os do movimento eugenista, acreditassem que a mestiçagem levasse a uma “degeneração” da raça, graças ao distanciamento de uma suposta pureza racial. Octavio Domingues, assim como Edgard Roquette-Pinto, se opunha a tais

questionamentos. Para Domingues, geneticamente dizendo, não haveria está noção de raça humana pura, existindo apenas raças mescladas, em maiores ou menores proporções. Consequentemente, não haveriam raças superiores ou inferiores, mas poderiam existir aptas ou inaptas à uma vida viável em sociedade (DOMINGUES, 1935, 1942).

Muitos julgavam os mestiços como uma ameaça à raça branca, sendo propagado que o processo de branqueamento deveria ocorrer para salvar o país (SKIDMORE, 2012). No entanto, Domingues acreditava justamente o contrário. Para ele, a “mistura racial” seria onde a seleção natural atuaria, gerando descendentes mais diversificados, garantindo então uma vantagem evolutiva (DOMINGUES, 1936). Fundamentando isto, por exemplo, nesta seguinte passagem:

A união de indivíduos de raças humanas diferentes é pois, geneticamente, uma união não somente possível como sem embaraços. São todas elas constituídas por indivíduos com 24 pares de cromossômios, sejam os de raça branca, sejam os africanos, sejam os asiáticos, australianos ou ameríndios. A mistura entre as três raças, que se encontraram no povoamento do Brasil é, portanto, um cruzamento racial, entre indivíduos com cromossômios quantitativamente os mesmos e da mesma natureza. Tanto é assim que os mestiços, que se formam se mostram viáveis, vigorosos, com o desenvolvimento normal da espécie, e fecundos, gerando uma prole com a mesma vitalidade (DOMINGUES, 1942, p. 272-273).

Octavio Domingues fundamentava seus conhecimentos sobre eugenia em cima das noções de melhoramento animal em que a sua formação lhe garantiu. Utilizando a genética mendeliana como base, foi um defensor da mestiçagem, afirmando está ser vantajosa no aspecto evolutivo. Portanto, garantia a não degeneração biológica do mestiço (STEFANO; NEVES, 2007).

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos notar igualdades entre Edgard Roquette-Pinto e Octavio Domingues, em relação a eugenia. Ambos utilizavam de uma noção mendeliana sobre genética, explicando por meio dela os fenômenos hereditários e a aplicação da eugenia.

Isto os diferenciava de parte do movimento eugenista brasileiro, onde era aplicado uma genética de bases neolarckistas. Também, distanciava-os das Leis de Galton.

Outro aspecto comum em ambos é o valor atribuído a educação. Roquette-Pinto foi uma figura importante na rádio educação brasileira, também esteve à frente de vários institutos educacionais, como o Museu Nacional, e afirmava ser a educação a chave para diversos problemas brasileiros. Octavio Domingues foi professor, tinha a educação como base para a formação de cidadãos sãos, para ele seria por meio dos estudos que a população aprenderia sobre hereditariedade e eugenia, assim fosse apta a aplicá-la. Isso pode ser encontrado em suas obras relacionadas a educação, como *A Hereditariedade em Face da Educação* (1929).

Com relação a mestiçagem, ambos partiam dos mesmos ideias. Diferentemente do movimento eugenista brasileiro, Edgard Roquette-Pinto e Octavio Domingues desacreditavam em uma noção de “raça pura”, portanto ambos eram contrários aos ideais de purificação racial que estavam em voga. Além disso, não compartilhavam a noção de uma suposta “degeneração biológica” dos mestiços, para ambos os estes não possuíam sinais de inferioridade. É importante destacar que, dentro do movimento eugenista brasileiro, nomes de influência partilhavam do ideal de inferioridade dos mestiços, negros, indígenas e amarelos como por exemplo Renato Kehl, Monteiro Lobato, Azevedo Amaral, Gustavo Barroso e Miguel Couto (SOUZA, 2016). Para estes, a miscigenação racial seria a responsável por uma população de má índole, vícios e promiscuidades.

Roquette-Pinto e Domingues, mesmo com “bases acadêmicas” distintas, estavam em consonância com muitos assuntos. Um advindo da medicina antropológica, outro da zootecnia e melhoramento animal. Foram dois nomes que se distanciaram de certas ideias dentro do movimento eugenista brasileiro, porém, mesmo que contraditoriamente, tiveram participações de relevância dentro dele.

#### 4. REFERÊNCIAS

CARVALHO, D.L. Entre a Lei e a Ciência: eugenia, nacionalidade e imigração em Julio de Revorêdo. **Revista Estudos Políticos**. Vol. 8 n. 15, 2017.

DOMINGUES, O. “Saude, hygiene e eugenia”. **Boletim de Eugenia**,v.2, p. 2-5, 1930.

\_\_\_\_\_. A hereditariedade em face da educação. São Paulo: **Editora Melhoramentos**, 1935.

\_\_\_\_\_. Hereditariedade e eugenia. Rio de Janeiro: **Editora Civilização Brasileira**, 1936.

\_\_\_\_\_. Eugenia. Seus propósitos, suas bases, seus meios. (Em cinco lições). São Paulo: **Editora Nacional**, 1942.

EL-DINE, R.L. Eugenia e seleção imigratória: notas sobre o debate entre Alfredo Ellis Junior, Oliveira Vianna e Menotti Del Picchia, 1926. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** 23 (Suppl 1). Dez, 2016.

FIUZA, H.D. A Propaganda da Eugenia no Brasil: Renato Kehl e a implantação do racismo científico no Brasil a partir da obra “Lições de Eugenia”. **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 19, p. 85-107, Dez. 2016.

GALTON, F. Hereditary Genius. London: **Macmillan**, 1869.

HABIB, P. Agricultura e biologia na escola de agricultura “Luiz de Queiroz”(ESALQ): os estudos de genética nas trajetórias de Carlos Teixeira Mendes, Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza Jr. (1917-1937). **Doutorado (Tese de doutorado). Fundação Oswaldo Cruz**. Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2010.

KERN, S. G. As proposições eugenistas de Roquette-Pinto: uma polêmica acerca do melhoramento racial no Brasil. In: **ANAIS DO XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA**. 2017.

MARTINS, P.L. Bateson e o programa de pesquisa mendeliano. **Episteme. Filosofia e História da Ciência** em Revista (14): 27-55, 2002.

POLIZELO, A. O desenvolvimento das ideias de herança de Francis Galton: 1865-1897. In: **Filosofia e História da Biologia**, v. 6, n. 1, p. 1-17, 2011.

RANGEL, J. A. Edgar Roquette-Pinto. 1. **Ministério da Educação**. 2010.

ROQUETTE-PINTO, E. Seixos rolados: estudos brasileiros. Rio de Janeiro: **Mendonça, Machado e Cia**. 1927.

ROQUETTE-PINTO, E. Nota sobre os typos anthropologicos do Brasil. In: **PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA**. Actas e Trabalhos. Rio de Janeiro: **Faculdade de Medicina**, p. 119-138.1929.

SCHWARCZ, M. L. O espetáculo das raças. São Paulo: **Companhia das Letras**. 1993.

SKIDMORE, T. F. Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. São Paulo: **Companhia das Letras**. 2012.

SOUZA, S. V. A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette Pinto, 1920-1930. **Hist. cienc. Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 23, supl. 1, p. 93-110, Dec. 2016.

SOUZA, S. V. Em Busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935). Rio de Janeiro: **FGV, Fiocruz**. 2017.

STEFANO, Waldir. Octavio Domingues e a Eugenia no Brasil: uma perspectiva "mendeliana". **Dissertação (Mestrado em História da Ciência) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. São Paulo, 2001.

STEFANO, W.; NEVES, M. Mestiçagem e eugenia: um estudo comparativo entre as concepções de Raimundo Nina Rodrigues e Octavio Domingues. **Filosofia e História da Biologia**, v. 2, p. 445-456, 2007.

STEPAN, N. A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina. Editora **Fiocruz**. 2005.

TEIXEIRA, M. I.; SILVA, P. E. História da eugenia e ensino de genética. **História da Ciência e Ensino**. V. 15, p. 63-80, 2017.

WEGNER, R. Dois geneticistas e a miscigenação. Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza no movimento eugenista brasileiro (1929-1933). **Varia História** (UFMG), v. 33, p. 79-107, 2017.

Contatos: [aguiarzambujapereira@gmail.com](mailto:aguiarzambujapereira@gmail.com) e [waldirstefano@gmail.com](mailto:waldirstefano@gmail.com)